

Post-scriptum ou continuando...

EDUARDO GUERREIRO BRITO LOSSO, AINDA

Será que todas essas possibilidades importam verdadeiramente? Será que elas não passam de incertezas que pouco contribuem para o trabalho crítico? Será que existem questões que contribuem e outras que não contribuem?

Toda essa estratégia interpretativa inventada (ou não) por mim pode não ser nada de interessante perto das estratégias de leitura que estão sendo praticadas atualmente na crítica francesa e americana da desconstrução, ou fora da desconstrução, ou fora da França e dos Estados Unidos. Portanto, embora eu tenha tentado encontrar uma chance para André e para mim, nós não passamos de dois pretensos professores brasileiros presos no *habitus* reprodutor das idéias de fora. Ou talvez André encontre outro crítico que pelo menos salve a chance dele, ou ainda posso ter a esperança de encontrar um crítico que salve a nossa chance. Mas será necessário tanto “dedo”, tanto cuidado para lidar com todas as possibilidades imagináveis de sucesso e fracasso? De que adianta abolir a surpresa do acaso no “lance de dados” que é escrever um texto num computador que *já exige o trabalho de todos os dedos*? Quer dizer, o pensamento teórico contemporâneo já não está excessivamente tomado de cuidados virtuais ao se atualizar na escrita?

um lance de dedos
jamais abolirá a vida
sempre à beira
das letras, das lágrimas
de mallarmé.
Um livro é um leque
uma rosa-de-ventos
com muitas leituras
voltadas para a amnésia
ou para a manhã.¹

Podemos fazer, então, uma crítica a esse cerco de possibilidades de recepção das próprias idéias que eu e André praticamos. Por isso, é justamente nesse sentido que levantaremos mais uma crítica possível contra André, se ele se encaixa nessa hipótese de interpretar sua obra. Se aqui encontramos o barroquismo e a obscuridade da crítica de André, parece-nos que há uma ligação desse abismo de dúvidas com a aparente clareza

¹ FREITAS FILHO. Armando. *Longa vida (1979-1981)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 127-8.

estilística. Toda essa ironia pervasiva que habita seu livro e seus ensaios acabou nos mostrando que sua clareza é falsa, é um artifício para deixar falar o tom pedagógico da mediocridade. Até tais dúvidas incessantes podem não ser mais do que a interminável indecisão de um teórico medíocre que, fazendo parecer que está cômico de suas limitações e de seus possíveis fracassos, na verdade tenta esconder sua própria insegurança frente à iminência de tais fracassos. Logo, o teórico medíocre está fingindo segurança (conscientemente o não) com a segurança de enunciar tantas dúvidas, e a ironia, ao contrário, está efetivamente segura de manipular esse fingimento barato. Portanto, a ironia em acontecimento pode tanto rir dos que acham que a enunciação de dúvidas do teórico são seguras quanto rir dos que acham que são inseguras. No final das contas, a ironia pode ironizar qualquer coisa, qualquer posicionamento sobre qualquer coisa, qualquer procedimento que se considere medíocre ou irônico.

Portanto, podemos expor mais essa hipótese contra André. Será que a pretensa construção quenótica da ironia em acontecimento encontrada subterraneamente em sua produção aqui analisada não passa de um alibi para justificar qualquer procedimento medíocre, em vez de tentar sair da mediocridade com uma proposta mais ... *clara*, ou melhor, mesmo que seja hermética, que não seja mediada pela voz indireta de uma ironia sempre oculta? Nesse caso, por um lado, o teórico se arriscaria a se passar por ridículo e medíocre, sem o alibi da ironia radical, mas, por outro, não se apoiaria num eterno jogo de esconde-esconde que é menos sagaz do que pretende ser. Assim, a própria interpretação que André faz de Machado, Erasmo e Clarice, em vez de valorizar tais autores com a descoberta da ironia em acontecimento, ao contrário, revela a pretensão destes autores (e do próprio André) pelo riso derradeiro de uma ironia em acontecimento que, agora sim, revela-se como mais uma fracassada mediocridade. Portanto, a ironia radical, dentro dessa hipótese, é a mais falsa arma contra mediocridade. A mediocridade de André, desta vez impossível de salvação justamente por contaminar o crítico com a mesma, pode ter-se propagado em forma de pretensa ironia em mim. O abismo de ironias se revela, por fim, um abismo de mediocridades cada vez mais astutas, cada vez mais sutis e, no entanto, mais pretensiosamente sutis. A ironia em acontecimento seria, então, ao mesmo tempo, a menor e a maior das mediocridades, a mediocridade desmedida, sublime.

Se o sublime é um estado de transposição de fronteiras (segundo sua etimologia), especialmente das fronteiras da arte “arte bela” da mediocridade é não ser medíocre para se propagar, usando inclusive de ironias diversas, a “arte sublime” da mediocridade seria propagar-se com a ironia “radical”. Mas isso não salvaria a mediocridade de si mesma, ao

ultrapassar a si mesma? Talvez, mas a hipótese não parece poder-se reverter de forma otimista. A quenose da ironia não passaria da maior das pretensões, a pretensão da mediocridade de querer esvaziar a si mesma acabaria por transbordar a si mesma e, com isso, ser mais medíocre que o medíocre: o *miserável*, se quisermos dar um nome. Tentando se opor ao narcisismo da fama na mídia, a solidão dos intelectuais, literatos e filósofos cai no narcisismo que tenta se disfarçar de quenose. Essa seria a sublime miséria da filosofia, mais miserável do que os problemas ético-políticos que estão atualmente em discussão.

Contra o fraco otimismo do pessimismo generalizado de André, essa hipótese seria uma espécie de *pessimismo hiperbólico*, consequência (evitada, ou talvez até recalçada) da própria fraqueza do ativismo proposto por ele. Toda a clareza de André não passa de uma dissimulação. Tal dissimulação sistemática e permanente trai a incapacidade de obter um movimento criativo direto claro, que não se protege dos abrigos do auto-encobrimento. André não conseguiria uma clara complexidade, à maneira de Deleuze ou de Foucault (para dar grandes nomes como exemplo), porque sempre aposta numa simplicidade dissimuladora da falsa complexidade, e no entanto pensa ser, desta forma, verdadeiramente complexa.

Essa nova crítica à obra de André parte de nossa interpretação, mas mesmo sem nossa interpretação ela faz efeito. Todas as análises da ironia de outros textos, feita por André, é desmontada por essa crítica. No entanto, essa crítica absorve a noção de mediocridade de André, que já é exagerada e obsessiva, e a radicaliza. Ela mostra que a ironia de um estilo ou um tipo de linguagem não deixa de se contaminar pelo que ironiza, a ponto de perder as rédeas que a diferenciaria de sua vítima. O ironista acabaria por ser a vítima da vítima, o que é ainda mais humilhante. A vítima teria a vantagem de encarnar, pelo menos, uma mediocridade inocente, despreziosa.

De qualquer forma, a partir dessa crítica, outras interpretações pode aparecer, mais radicais ainda ou não, seguidas de outras críticas. O que me parece impressionante, no cotejo desses dois livros de André, é constatar o estado crítico da crítica que ele nos leva a enfrentar, aparecendo na forma de uma inevitável suspensão de um juízo ou posição determinada. O que parece evidente é que tais críticas, por mais devastadoras que sejam, apontam para a riqueza destes textos. Se essa riqueza é medíocre ou não, se é falsa ou não, nem a ironia nem a mediocridade de nossas hipóteses pode decidir.